

Hemorragia complicou o quadro, diz médico

por M. Alice Gurgel Amaral
de São Paulo

"Azar" foi exatamente a palavra usada por um médico que cuida diretamente do presidente Tancredo Neves, desde que ele chegou a São Paulo, para qualificar a ocorrência da hemorragia, ocorrida seis dias após a segunda intervenção (dia 20 de março), no trecho do intestino em que foi realizada a primeira cirurgia (dia 14 de março).

A mesma fonte médica explicou que, horas depois que o presidente tirou as fotos em Brasília, no Hospital de Base, divulgadas por todo o País, ele teve uma evacuação abundante, de onde se concluiu que havia hemorragia intestinal.

Os médicos de Brasília, que já estavam trabalhando em conjunto com a equipe de São Paulo, aguardavam, contudo, a próxima evacuação, porque muitas vezes a hemorragia se interrompe espontaneamente.

No entanto, não foi o que ocorreu. "Aqui começam as complicações", disse a fonte médica. "Nas hemorragias intestinais, nunca se sabe a quantidade de sangue realmente perdida. O mais grave, porém, é que, estando num quadro infeccioso e após duas cirurgias, tendo como agravante a idade, o paciente era atingido por uma anemia aguda", continuou.

"Tornou-se a partir daí um campo ideal para proliferação de todos os microorganismos, principalmente os de maior patogenicidade", acrescentou.

Isto explica — segundo a fonte médica — a virulência com que as bactérias da infecção hospitalar agiram sobre o organismo do presidente.

"Ele recebeu transfusão de sangue — possivelmente 1,2 litro —, pois o paciente, ao chegar a São Paulo, estava tomando o terceiro frasco (cada frasco tem 0,5 litro)", recorda o médico.

"No entanto", adverte ele, "o sangue em frascos jamais devolve ao enfermo as defesas leucocitais per-

didadas e não repõe sua força imunológica."

A partir daí, a batalha contra a infecção tornou-se mais dura e quase inglória.

Quando se verificou a hemorragia, toda a equipe médica decidiu remover o paciente para São Paulo. Coube ao médico João Baptista Rezende Alves comunicar a decisão à família Neves, que prontamente concordou.

No mesmo avião presidencial vieram as duas equipes e, segundo declaração dessa fonte, nunca houve nenhuma divergência ou crítica entre elas, apenas colaboração.

Tão logo Tancredo Neves chegou ao Instituto do Coração, em São Paulo, foram realizados dois exames para detectar a origem da hemorragia. Primeiro, foi o mapeamento com radioisótopos para localizar o sangramento e segundo, a arteriografia seletiva para identificar a artéria que sangrava no intestino.

Os resultados desses exames levaram os médicos a decidir pela terceira cirurgia a fim de estancar o sangramento intestinal. O pós-operatório evoluiu bem, e alguns dias depois a equipe de Brasília deixava São Paulo.

Os médicos levantam várias hipóteses para explicar a resistência do processo infeccioso que comprometeu a recuperação e criou uma seqüência de complicações.

O presidente já estava com processo infeccioso antigo e que nunca foi esclarecido, tendo entrado para a primeira cirurgia já contaminado e com o organismo debilitado.

"Não se pode ter certeza absoluta sobre se a infecção hospitalar causada pela 'Pseudomonas cepacea' foi contraída em Brasília ou em São Paulo. No entanto, como entre a instalação da bactéria no organismo e a sua manifestação decorre certo tempo, tudo leva a crer que, pelo momento de sua identificação, a contaminação ocorreu no Hospital de Base de Brasília", conclui a fonte.